

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que abrimos esta edição da Revista *Illuminuras* “Trabalho e Etnografia”, que dá sequência a reflexões que compõem o número que a antecede “Antropologia do trabalho: cotidiano, práticas e memória”. Tais discussões e debates foram incitados a partir de reuniões e eventos científicos na IX RAM que ocorreu na IX Reunião de Antropologia do Mercosul em 2011, na cidade de Curitiba/PR¹ com o GT “Antropologia do trabalho e memória dos trabalhadores” e na X RAM durante o GT “Antropologia do Trabalho na cidade e no campo: desafios, conflitos, práticas, memórias e trajetórias” na X RAM do corrente ano em Córdoba/Argentina².

Similar ao número anterior, esta edição da Revista *Illuminuras* estabelece-se enquanto um espaço de debates sobre o tema da Antropologia do Trabalho e fortalece sobremaneira os laços que fundam a rede de pesquisadores engajadas neste campo de conhecimento que aqui está representada por alguns de seus participantes. Da mesma forma, esta revista situa-se de maneira envolvente dentre as ações do projeto “Trabalho e Cidade: antropologia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea” coordenado por Cornelia Eckert no âmbito do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES).

E, em especial, esta edição nos proporciona um grande prazer, pois é o primeiro número após alcançarmos a progressão no QUALIS da CAPES de B4 para B1. Este avanço diz respeito a vários critérios de classificação de periódicos, dentre eles a pontualidade e a criteriosa seleção de artigos. É assim, com grande alegria, que este número honra seus leitores.

Nesta coletânea reunimos 17 artigos, uma sessão sobre Relatos de Campo e um conjunto de quatro resenhas de pesquisadores brasileiros, argentinos, peruanos, porto riquenhos e franceses. Tais pesquisadores dedicam-se a pesquisas de caráter etnográfico em torno da Antropologia do Trabalho em suas múltiplas dimensões, enfatizando as práticas de trabalho dos sujeitos contemporâneos, a transmissão de saberes, as memórias e trajetórias sociais de trabalhadores, bem como os conflitos e as interfaces políticas do trabalho, entre outros aspectos. Todas estas abordagens tomadas a partir da interpretação de processos sociais que envolvem o operariado e as transformações nas relações de trabalho rural e urbano. Tais perspectivas são ordenadas a partir de um viés da antropologia urbana, dos movimentos sociais, da economia, da memória social e conflitos ambientais.

¹O GT “Antropologia do Trabalho e Memória dos Trabalhadores”, realizado na IX RAM foi organizado e coordenado por Juliana Cavilha (UFRGS), Marta Cioccarri (UFRJ/MN) e Carina Balladares (UBA), contou com a participação de 30 trabalhos apresentados. Destes, 9 fazem parte desta publicação.

²Similar ao anterior, este Gt foi organizado e coordenado por Juliana Cavilha (UFRGS), Marta Cioccarri (UFRJ/MN) e Carina Balladares (UBA), e nesta edição contou com a participação de 30 trabalhos apresentados. Destes, 11 fazem parte desta publicação.

Entre os aspectos que circunscrevem este debate, aborda-se questões como o incentivo ao consumo e a produção como parte das características atuais do mundo do trabalho, o estabelecimento de laços sociais entre trabalhadores e o trabalho como garantia da sobrevivência dos indivíduos. Sem contar o estímulo no sentido de vivenciar uma ocupação enquanto uma realização pessoal prazerosa.

E é com entusiasmo que abrimos esta edição da *Illuminuras* com o artigo de Felipe Augusto dos Santos Ribeiro que traz à tona um debate entre o rural e o urbano. Em seu artigo, Ribeiro evidencia o quanto estes espaços estão e devem ser analisados de forma imbricada, sobretudo nos estudos acerca do mundo do trabalho, corroborando assim com outras pesquisas que visam superar a dicotomia entre o rural (como sinônimo de arcaico e atrasado) e urbano (como ícone do moderno e do progresso).

Seguindo, os autores argentinos Cecília Calloway, Bruno Colombari e Santiago Iorio nos brindam com questões sobre os processos que envolvem a autogestão das fábricas e empresas recuperadas na Argentina, ou empresas sem patrão e sua relação com a produção sóciohistórica de subjetividade. A pesquisa tem como ponto de partida o ano de 2003, quando o Estado reconfigura algumas modalidades de intervenção contra as exigências de fábricas e empresas recuperadas e, por outro lado, evidenciam-se as transformações do conjunto de significações imaginárias de que diz respeito aos processos de recuperação destas unidades de produção. Tal pesquisa mostra-se como de fundamental importância na compreensão das lógicas atuais de transformação do mundo do trabalho.

O artigo de Bruno Hervé apresenta um estudo de caso da comunidade campesina de Fuerabamba, no sul do Peru, cujas mudanças econômicas, segundo o autor, drásticas em razão da influência da indústria mineira suíça, transformaram o mercado de trabalho e os padrões econômicos locais. Hervé amplia o debate e aponta questões sobre o significado do trabalho, globalização e economia.

Em seguida, o artigo de Juliana Queiroz analisa etnograficamente as dimensões do trabalho a partir do livro de memórias escrito por Gregório Bezerra - publicado em 1979 e reeditado em 2011. Queiroz realiza um interessante debate que envolve narrativa de trabalho deste autor no campo e na cidade e discorre sobre questões como a honra do bom trabalho, e o quanto as memórias de Gregório Bezerra são reveladoras de determinadas dimensões dos mundos do trabalho urbano e rural.

Prosseguindo, José Ferreira debruça-se sobre a agricultura orgânica fluminense e as trajetórias sociais de produtores, funcionários do governo e consultores. Tais sujeitos procuraram, a partir dos seus diferentes lugares, trabalhar na promoção da agricultura orgânica no Estado, e se

dedicam a o desenvolvimento de um trabalho político de convencimento de consumidores a aderir tal causa.

Da agricultura orgânica migramos para a pesquisadora francesa Ariela Epstein, que nos remete aos processos de patrimonialização de um bairro operário da Usina Anglo del Uruguay. A autora analisa as descontinuidades entre a memória local dos habitantes do antigo bairro fabril, os quais não correspondem de maneira imediata às expectativas e interpretações dos agentes institucionais relacionados às políticas de patrimonialização. Em suas descrições etnográficas somos conduzidos pelos conflitos e diferenças que permeiam a vida no bairro e a memória do trabalho.

Ainda no campo de estudos da memória, é com Carolina Dalla Chiesa que adentramos ao cenário de uma fábrica de Porcelanas na cidade de Porto Alegre, a Rebis Industria e Comércio de Porcelanas. Em seu artigo a autora nos descreve o difícil processo de fechamento da fábrica, ao mesmo tempo em que apresenta narrativas sobre o passado de sucesso desta empresa, desde as formas de trabalho, o envolvimento dos trabalhadores, a questões que remetem os proprietários da empresa com a fabricação dos produtos decorativos de porcelana.

No artigo de Ana Lúcia Ferraz somos envolvidos no mundo das imagens da memória, pois é a partir delas que a autora conduz o leitor a refletir sobre o tempo e a duração. Para a autora, trata-se de refletir como as imagens possibilitam uma reflexão sobre o “agora”, sobre o momento presente, a partir da rememoração de eventos passados registrados em vídeo, seja pelo pesquisador, seja pelos próprios sujeitos da pesquisa. Neste sentido nos apresenta narrativas e imagens do trabalho e de trabalhadores, os momentos de tensão e conflito, suas trajetórias e dramas em momentos de greve e reivindicações.

Na continuidade o texto de Antonio Donizeti Fernandes traz uma interessante escrita etnográfica sobre o lidar com a “questão do trabalho”, especialmente sobre a questão de trabalhadores rurais (no caso canavieiros), mas moradores de cidade, e portanto, segundo ele fora desse “mundo do trabalho” abordando um aspecto relacional e de reprodução social entre tais trabalhadores canavieiros e seus respectivos familiares instalados em uma favela na periferia de um município fronteiriço a dois estados. Fernandes ainda faz um relato interessante que envolve o esforço do pesquisador para ser aceito na comunidade e como driblou estas agruras em campo.

Tal reflexão sobre o trabalho urbano é também o mote da pesquisa de Anny Glayni Veiga Timóteo. Em seu artigo, Anny etnografa os conflitos de mototaxistas na cidade de Campina Grande /PB, e se dedica a escrutinar a construção de uma atividade crescente dos mototaxistas nesta cidade a partir de duas empresas que reconhecem e legitimam esta atividade. A autora destaca os mototaxistas vinculados a estas empresas como legais, e àqueles que não possuem vínculos, são

declarados ilegais pelos mototaxistas vinculados. Descreve os conflitos nestas relações, desse modo a autora nos introduz nas redes de trabalhos formal e informal da cidade de Campina Grande/PB e nos apresenta a importância da redes sociais no cotidiano deste trabalhadores.

Prosseguimos com o artigo de Elisângela de Jesus concentra-se na importância da sociabilidade no contexto de trabalho e nos apresenta o Cururu, forma de canto improvisado que organiza o ritmo de trabalho do mutirão, prática típica do caipira paulista. Neste sentido, analisa as imbricações entre o mundo do trabalho e a religiosidade, já que esta última orienta a prática de trabalho baseada em valores de solidariedade, troca e coletividade.

O texto de Mônica da Silva Paranhos traz uma rica etnografia sobre um período de transição referente a metodologia de ensino e aprendizagem do SENAI na cidade do Rio de Janeiro. Para tanto Paranhos dedica-se a investigar a percepção e representações dos instrutores e aprendizes do curso de mecânico de manutenção. A pesquisa discute criticamente tal reestruturação produtiva cujos objetivos incidem sobre uma maior exploração do trabalho e uma intensificação da jornada diária destes trabalhadores.

Evidentemente não poderíamos nos furtar a uma pertinente discussão sobre mulheres trabalhadoras, deste modo trazemos os artigos que seguem para discutir esta questão.

Primeiramente Francisca Mendes nos brinda com uma rica etnografia sobre o saber-fazer de artesãs que confeccionam louça de barro do Córrego de Areia, no município de Limoeiro do Norte/CE. Mendes destaca como a sociabilidade destas mulheres trabalhadoras é construída por meio deste ofício na cidade, e aponta lugares distintos deste fazer, evidenciada nas relações entre a 'artesã' e 'a fazedora de louça', tais denominações são organizadas a partir de um vínculo com uma determinada associação da cidade, que legitima este 'fazer arte', ou 'fazer louça'.

Na sequência o artigo de Elena Mingo nos proporciona um mergulho junto as mulheres trabalhadoras de uma agroindústria do Valle de Uco na província de Mendoza / Argentina. A autora dedica-se a análise de representações e práticas que estão conformadas na mão-de-obra que qualifica o trabalho em feminino ou masculino. Em sua etnografia Elena observa que as funções mais simples como descascadoras de frutas, por exemplo, são nesta fábrica, consideradas atividades femininas. Ela então investiga entre os patrões e chefes os motivos e razões que justificam tal condução de prática.

Ainda colocando-se ênfase no trabalho feminino, Gabriela Quijano nos conduz a descobrir as formas de produção na indústria de agulha em Porto Rico, e a diferença nas condições de trabalho das trabalhadoras em domicílio e em fábrica, relacionando estas formas de produção com a questão da resistência, tendo em vista a pergunta: estas diferentes formas de organização da produção promovem diferentes formas de resistência? A resposta a este questionamento é elaborada na

argumentação do artigo.

Os dois artigos que fecham esta edição tratam do tema do trabalho doméstico. Santiago Canevaro concentra sua atenção nos conflitos entre empregadas domésticas e suas empregadoras no que concerne a realização das tarefas da casa e do cuidado com as crianças, no contexto da capital argentina, Buenos Aires. Ao longo do texto podemos acompanhar os diferentes pontos de vista sobre o trabalho e sobre as “artes de fazer” o serviço doméstico que precisam ser administrados no decorrer da relação empregadoras – empregadas domésticas.

O artigo de Luiza Dantas também nos proporciona uma imersão no mundo do trabalho doméstico brasileiro. Desta vez a partir da trajetória de quatro mulheres que narram suas histórias de como ingressaram neste campo de trabalho, suas expectativas e problemas. Uma discussão fundamental colocada em questão pela autora é a da regularização do trabalho doméstico e como esta política se insere no interior das relações cotidianas de trabalho, as quais nem sempre são compreendidas sob a perspectiva de uma lógica burocrática ou formal, e sim como laços de amizade e família, numa perspectiva do afeto.

Ainda neste número da revista inauguramos uma interessante sessão a qual denominamos Relatos de Campo. Estreamos com um texto riquíssimo e atual da antropóloga Anelise dos Santos Gutterres que de maneira vibrante nos coloca no interior das manifestações políticas que ocorreram no Rio de Janeiro em 2013. Junto com a autora, percorremos as ruas, nos deparamos com a emoção coletiva da população que sai às ruas e grita por uma vida mais justa e também enfrentamos a violência policial.

Para concluir a revista apresentamos um conjunto de quatro resenhas. Primeiramente podemos acompanhar as impressões de Santiago Millan sobre o documentário etnobiográfico “Mestre Borel: ancestralidade negra em Porto Alegre”. Neste texto, Millan apresenta seus estranhamentos iniciais sobre a presença deste outro, negro, no sul do Brasil, mas principalmente enfatiza o poder das palavras deste Mestre que narra a cidade a partir de sua experiência etnobiográfica nas sociabilidades e da vida religiosa, bem como seus deslocamentos por outros centros urbanos.

Aline Rochedo em sua resenha nos conduz em um percurso pelas imagens fotográficas da exposição “Feito à mão como antigamente: um olhar etnográfico sobre a trajetória laboral de uma construção de instrumentos musicais na região metropolitana de Porto Alegre, RS” de Eduardo Ribeiro Gonçalves. Neste caminho que entrelaça texto e fotografias, vamos conhecendo Ronaldo, o artista e artesão que constrói e restaura instrumentos musicais. Entre gestos e formas da composição imagética que são descritos por Rochedo, a poética da criação emerge do encontro etnográfico entre o pesquisador e seu interlocutor, mas também da própria autora da resenha ao se deparar com as

imagens.

Vinicius Kauê Ferreira reflete em seu texto, sobre o trabalho ou as práticas intelectuais a partir do livro “L’atelier de Marcel Mauss”, de Jean-François Bert. De acordo com Ferreira, não se trata apenas de um livro sobre Mauss e sua obra, mas sim sobre as diversas camadas de sua vida intelectual: sua formação, a produção teórica, seu trabalho como professor, entre outros aspectos. Neste livro sobre Mauss vamos encontrar também a crítica ao modelo biográfico clássico no estudo das ciências – como é o caso da biografia de Mauss escrita por Marcel Fournier -, que desconsideraria aspectos importantes dos arquivos pessoais do autor. Importante destacar o caráter coletivo e de reciprocidade atribuído à obra de Mauss, por Bert, no decorrer do livro e ao mesmo tempo as reflexões sobre os sentidos do *metier* do pesquisador e professor.

A exposição fotográfica “Rastros”, de Rodrigo Ferreira Toniol, é o objeto de reflexão da resenha de Ronaldo de Oliveira Corrêa e Eduardo Ribeiro Gonçalves, que nos apresentam de forma original, não apenas a descrição narrativa das imagens que compõem a exposição, mas problematizam a própria prática da exposição fotográfica. Aqui, são as negociações, a escolha das imagens e a forma de composição que ganham destaque, numa tentativa de promover estranhamento e desconstrução do olhar sobre a paisagem e a natureza. Neste caso, os autores nos oferecem a descrição e a interpretação do processo de montagem das crônicas imagéticas que compõem a exposição a partir de três momentos distintos: negociação, ação e visitação, nos colocando diante de distintas camadas de encontro com as imagens, e nos proporcionando perceber os processos de ressignificação da natureza que constituem o tema de pesquisa de Rodrigo Toniol.

Finalmente, é com imensa satisfação que convidamos os leitores e leitoras a aproveitarem a diversidade e a riqueza das experiências etnográficas aqui narradas por estes jovens pesquisadores que nos regozijam com inúmeras descobertas no mundo do trabalho no Brasil e para além dele. Investigadores interessados em descobrir a partir de seus diferentes lugares distintos modos de conformações dos sujeitos, os quais o trabalho ainda ocupa uma dimensão estruturante na trajetória de vida destes indivíduos e grupos nas sociedades contemporâneas pós industriais.